

Hermenêutica Filosófica — perspectivas para pesquisa em educação.

Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.¹

Compreender é um ato histórico sempre relacionado com o presente - é *questionamento* da objetividade, que pressupõe um ponto de vista exterior à história.²

Palavras-Chave:

Hermenêutica Filosófica, linguagem, experiência, pesquisa em educação.

Key-words:

Philosophical Hermeneutics, language, experience, research in education.

Resumo:

O presente artigo trata do contexto teórico dentro do qual Gadamer faz a leitura crítica da tradição moderna e mostra implicações dessa crítica com relação à linguagem, à concepção de conhecimento e de ciência, na perspectiva da “virada linguístico-pragmática” da filosofia, como base para superar o cientificismo das ciências humanas e da educação. Em seguida, apresenta a Hermenêutica Filosófica como uma possibilidade metodológica aplicável às teorizações e às práticas na área de educação.

Abstract:

The current article talks about the theoretical context in which Gadamer makes a critical reading in the modern tradition and it also shows the implication of this critique in relation to the language, knowledge and science conception in perspective to the pragmatic, linguistic turning of philosophy as the basis to overcome the of the human sciences and education. It then presents the philosophical hermeneutics as a methodological possibility applicable to the theories and to the educational area practice.

1. A linguagem como questão de fundo.

A questão da linguagem está na base da hermenêutica e de sua crítica à concepção moderna de conhecimento. A princípio, a linguagem não pode ser confundida com rudimentos de comunicação ou reduzida a um conjunto de signos e regras gramaticais catalogadas. A linguagem humana, *stricto sensu*, é aquela na qual acontece o “sentido”; ela é portadora do ‘ser’. “O ser habita a linguagem” e os seus ‘cuidadores’ são os filósofos e os poetas que, de certa forma, são todas as

¹Luiz Gilberto Kronbauer é Doutor em Educação pela UFRGS. É Mestre e Graduado em Filosofia. Atua no Departamento de Fundamentos da Educação da UFSM onde coordena o Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Profissional. Área de Pesquisa: implicações epistemológicas e éticas na Formação de Professores. Atuou no Programa de Pós-Graduação em Educação do Unilasalle e no Curso de Filosofia da mesma Instituição. Lecionou na Unisinos, onde coordenou o Curso de Filosofia e a Formação Humanística. Endereço: gilberto.kronbauer@gmail.com

² PALMER, Richard. **Hermenêutica**, 1997, p. 55.

pessoas que, ao se moverem nela, pensam. Neste sentido fundamental, a linguagem é a característica do ser humano enquanto ser no mundo e ser com outros.

Mas a linguagem também é um fenômeno de várias dimensões e níveis e, como tal, pode ser objeto de estudo de ciências diversas, como a linguística, a neurologia, a psicologia, a neuropsicológica, a antropologia e a filosofia. Mas, como toda e qualquer investigação inicia por algum questionamento, alguma pergunta a explicitar um ‘querer saber’, o estudo da linguagem nos coloca diante de um problema já de antemão implicado na investigação: qualquer pergunta de partida é elaborada dentro de uma tradição cultural, de um consenso linguístico estabelecido que, por sua vez, não é posto em questão. A pergunta, elaborada na forma de linguagem, presentifica uma tradição, que condiciona o perguntar em duplo sentido. Ela é condição de possibilidade do perguntar ao mesmo tempo em que coloca os limites do perguntar. A pergunta pode, por exemplo, mostrar uma concepção de linguagem metafísica clássica ou um sentido judaico-cristão, da linguagem como verbo, ou ainda uma concepção instrumentalista, da linguagem apenas como meio de elocução e de manipulação dos “objetos”. A Hermenêutica reage a esta última concepção, tipicamente moderna, que retoma o dualismo clássico — de forma e matéria — e por isso considera que a linguagem é expressão material daquilo que a razão conhece em sua idealidade. Essa concepção está na base do procedimento científico para o qual a linguagem é instrumento para exteriorizar a razão. O som, matéria, é linguagem porque expressa objetivamente o pensamento, que, por sua vez, é a realidade tratada como sendo objeto, isto é, como aquilo que está à mão, que é manipulável. E nisso consiste a *essência da técnica*: mostrar o real em seu caráter manipulável, através da “fórmula”.

Dentro dessa perspectiva de linguagem, o conhecimento tem a característica de “informação”, i. é, ele expressa o modo como a natureza se mostra por meio da técnica. “A informação é a mediação do saber necessário à manipulação”. (GRONDIN, 1999, p. 203) A primazia dessa concepção de linguagem revela-se hoje no desenvolvimento da informática e na própria essência do ser humano. Aquilo que o ser humano é determina-se a partir da tecnologia, da tecnociência, do tecnopoder. (Idem, p. 203-204) A linguagem foi reduzida a instrumento de elocução, de contato com o objeto e com os outros, possibilitando inclusive sua progressiva simplificação e redução, ao supor que palavras são apenas sinais para designar as coisas.

Gadamer parte da tradição platônica na qual o signo aponta para um sentido ulterior que acontece na palavra por meio do diálogo. *O discurso sempre aponta para um todo maior ao qual está vinculado e no qual ele faz sentido: o diálogo.* A hermenêutica de Gadamer ampara-se na universalidade da linguagem enquanto pergunta-resposta, na qual o enunciado é entendido como resposta a uma pergunta, retomando assim o caráter dialógico da linguagem e superando as

restrições impostas pela tradição moderna. A virada consiste em restituir o primado à pergunta, porque esta é a estrutura da linguagem atestada na origem dialética da lógica grega: não existe enunciado que não apresente uma espécie de resposta.³ Isso significa que a universalidade da linguagem não está na expressão, mas na palavra interior, na curiosidade do querer saber da pergunta. Sem depreciar a linguagem expressa, trata-se aqui da suspeita de que esta aponta para algo que não está todo nela. Trata-se de pensar as fronteiras da linguagem até o fim, em termos antropológicos, e de considerar que ela é histórica e aberta na sua estrutura dialógica de pergunta-resposta.

Como consequência dessa virada, Heidegger sugeriu que a hermenêutica escave por debaixo do empreendimento epistemológico para encontrar as suas condições ontológicas. Se a epistemologia pergunta sobre “*como sabemos algo, trata-se agora de perguntar sobre o modo de ser desse ser que só existe compreendendo*”. Por quê? Exatamente porque a interpretação está ligada à questão do sentido, que é linguagem, e nessa questão o intérprete é conduzido por aquilo mesmo que ele procura. A ênfase recai, pois, sobre o ser humano enquanto lugar do sentido, esse ser que compreende a partir de seu horizonte de compreensão prévio. Por isso que a tarefa filosófica consiste em mostrar os conceitos fundamentais que determinam essa compreensão prévia enquanto objetos temáticos de uma ciência e que orientam a pesquisa positiva (HEIDEGGER, 1989, p.26). A hermenêutica revira o subsolo da metodologia para expor o fundamento. Por exemplo, quando se trata da história, a prioridade não é da teoria de formação de conceitos em matéria histórica, nem da teoria do conhecimento histórico, tampouco da teoria da história como objeto da ciência histórica, mas da historicidade do ser histórico.

A hermenêutica mostra, pois, a base antropológica sobre a qual as ciências se edificam, a base das possíveis hermenêuticas regionais, como as metodologias das pesquisas em educação, por exemplo. É fundamental que se considere a existência de uma estrutura prévia operando em toda interpretação e que “a compreensão humana se orienta a partir de uma pré-compreensão que emerge da eventual situação existencial e que demarca o enquadramento temático e o limite de validade de cada tentativa de compreensão” (GRONDIN, 1999, p. 159), questionando, assim, as pretensões do sujeito moderno quanto à garantia de objetividade através do rigor metodológico, uma vez que o “ser que conhece” é habitante de um ‘mundo’ desde o qual compreende e interpreta. Antes de teorizar, ele se encontra aí, no mundo, numa forma de enraizamento mais fundamental do que a relação sujeito-objeto. É neste “sentir-se em situação” que a compreensão acontece, mostrando que a primazia não é dos fatos, mas da possibilidade de ser. E no retorno à epistemologia reaparece o

³ “Jede Aussage ist motiviert. Jede Aussage hat Voraussetzungen, die sich aussagt. Nur wer diese Voraussetzungen mitdenkt, kann die Wahrheit einer Aussage wirklich ermessen.” cf. GADAMER. *Gesammelte Werke II*, p. 52.

círculo entre aquele que busca compreender e a coisa em questão, ambos implicando-se mutuamente. Entender assim a estrutura da pré-compreensão, que aflora sob aparência de círculo, é fundamental para que o círculo não seja “vicioso” e para recuperar este prévio, que orienta o sujeito em toda e qualquer compreensão e que, para a epistemologia em geral, é considerado prejudicial à objetividade. Agora ele integra a estrutura de antecipação do compreender como condição mesma da compreensão.

Quanto à base antropológica desta concepção de linguagem e conhecimento, supõe-se que o ser humano é ‘um ser que compreende na forma de linguagem’.⁴ Mas a linguagem é histórica, polissêmica e, principalmente, ela já diz algo num contexto linguístico antes mesmo da minha relação com ela. Portanto, ao descrever algo como sendo objeto, utilizo-me de palavras e de certa forma de estruturação do pensamento que não são postas em questão; que são tomadas como obviedades. Por isso é que na Hermenêutica é mais importante dar-se conta que a descrição já é uma forma de interpretação da realidade a partir de conceitos prévios do que a tentativa de descrever objetivamente a realidade. Justamente por ignorar isso é que facilmente se cai nos enganos do objetivismo, reduzindo a realidade a uma representação, sem permitir que os pré-conceitos com os quais se compreende apareçam e possam ser modificados. Perceber que os pré-conceitos operam em toda descrição não é um entrave para a compreensão, mas um ganho que implica supor a historicidade da compreensão e o seu caráter de projeto, em perceber que se está exposto a erros e opiniões prévias e que se pode *aprender algo que o objeto* nos faz experimentar; pode-se aprender sobre o nosso horizonte prévio de compreensão e os preconceitos que operam na ‘descrição’. (GADAMER, 1998, p. 402) Esta atitude de predisposição para autocorreção ajuda a superar as opiniões arbitrárias, que impedem a compreensão das coisas, levando-nos a examinar continuamente as nossas opiniões quanto à legitimidade, na *vivência da relação com o objeto, com o texto, com o outro*. Certamente isso é mais concreto na conversação entre um eu e um tu, porque nesse caso o tu se expressa no presente e mostra que não pode ser reduzido à condição de objeto. Igualmente não se deveria tomar algo simplesmente como sendo “objeto”, seja esse algo um ecossistema, ou um recorte da realidade social, por exemplo.

A atitude hermenêutica não é uma atitude de inquérito, de investigação, ao modo da perseguição de indícios prévios como num procedimento policial. Não é partir para cima de algo ‘como objeto’ para enquadrá-lo em representações prévias que culminam na “fórmula”. Ao

4

A tarefa da Hermenêutica Filosófica é Interpretar este ‘modo de ser’, que “designa o movimento básico da existência humana, constituído pela sua finitude e historicidade.” Ela abrange a globalidade da experiência humana, pois ‘compreender é a forma originária de realização da própria vida humana’. (Gadamer, 1998, p. 392-393)

contrário, é estar predisposto e exposto à opinião do outro, da obra, do texto, da realidade, que vêm a nós na forma de linguagem. Esta receptividade do pesquisador não pode, porém, ser confundida com a ‘neutralidade diante da coisa’. Esta ‘abertura’ inclui a apropriação das próprias opiniões e preconceitos de tal modo que a alteridade do “texto-contexto” se mostra no confronto do mesmo com os nossos preconceitos. Para que um texto, por exemplo, nos diga algo dele mesmo é necessário que, ao lê-lo, percebamos os preconceitos com os quais o lemos.⁵ E isso leva a algumas considerações acerca da empiria.

2. Pesquisa e campo empírico — desde a ‘experiência hermenêutica’.

Relacionada com a questão da linguagem, enquanto portadora de sentido e não apenas como um conjunto de apetrechos de que o ser humano pode servir-se conforme suas necessidades de expressão e comunicação, há o problema do significado de *experiência*. A tradição moderna operou com um conceito de experiência identificado àquilo que se denomina hoje ‘teste empírico’: procedimento metódico, rigorosamente controlado e passível de repetição, independente do sujeito, e cujo resultado é previsível. Os modernos usaram geralmente o termo experiência para designar o procedimento de repetição, mediante o qual se pretende provar a veracidade de hipóteses. Esta acepção de ‘experiência’ teve o reforço da crença positivista de que os fatos contem a verdade, convicção popularizada nos ditos “a verdade está nos fatos” e “contra fatos não há argumentos”. Se for assim, basta descrever cuidadosamente os fatos, reter o que se repete, para formular a hipótese, e testá-la em condições adequadas, com procedimentos metodicamente controlados, para obter a verdade sob a forma de “lei científica”.

Mas, nessa forma de procedimento, desconsidera-se que a hipótese tem como referência anterior à pergunta, que, por sua vez, se apresenta dentro de um contexto cultural, de uma pré-compreensão, dentro da qual ela faz sentido. Por exemplo, teria sido incomum alguém perguntar acerca do movimento da terra num contexto de imobilidade local e estabilidade social, como o feudalismo medieval. Somente depois do surgimento das cruzadas, do comércio; dos burgos e das cidades comerciais e a conseqüente possibilidade de mobilidade social e de lugar é que a hipótese do ‘movimento universal’ faz sentido. Por isso, a hipótese do movimento da terra surge no do século XV, com Copérnico, e somente é levada à sério bem mais tarde, em pleno mercantilismo do XVII.

Da mesma forma, o conceito moderno de experiência está num contexto cultural que se caracteriza pela crença em leis naturais universais e cognoscíveis, que implicam a suspensão da

⁵ Trata-se da substituição da consciência transcendental pela metafísica da finitude e da facticidade, pois a compreensão é perpassada pela historicidade e o ser que compreende é ‘portador’ da tradição. Ele compreende desde um “pré”. Por isso, Gadamer resgata a discussão sobre o pré-conceito ou o horizonte prévio de compreensão.

história por não estarem sujeitas a mudanças. No contexto atual de ciência, pressupõe-se que os conhecimentos obtidos com base na experiência são válidos enquanto não forem negados por novas experiências.⁶ Mesmo no senso comum, lida-se com este significado de experiência, aceitando o aspecto negativo da refutação de generalizações através de uma nova experiência, na convicção de que esta “negatividade produtiva” pode alargar os horizontes. E assim aparece a dialeticidade da experiência: a negação do saber obtido, sua modificação e sua ampliação, mostrando que a experiência é irrepetível e que a historicidade é da sua essência. Repetição não é experiência.

Ao tomar a experiência estética como modelo de experiência humana, percebe-se uma virada epistemológica na qual não é mais possível definir de antemão o lugar e a função do sujeito e do objeto. Como na metáfora de Merleau-Ponty, ao afirmar que ‘há certos espetáculos diante dos quais o meu olhar tropeça. Fico circundado. Sou investido por eles enquanto pensava investi-los. Como se um outro espírito que não o meu viesse repentinamente habitar meu corpo ou como se o meu espírito fosse atraído para lá e emigrasse no espetáculo.’⁷ Aqui não há mais como supor algo a priori quando se trata da relação cognitiva, tampouco a estrutura de relação sujeito-objeto não porque aquilo que se experiência descortina o nosso horizonte de compreensão sem nos sacar do tempo e da história. Na experiência estética, torna-se presente aquilo que se experimenta e o que se é; nossa compreensão é posta em jogo porque a obra nos coloca a questão do seu ser. E isso pode ser aplicado à leitura de um texto, à conversação com outra pessoa tanto quanto à experiência de uma realidade empírica específica que se tenta compreender. Antropologicamente, isso é assim devido à radical historicidade do “ser que compreende”.

3. Conhecer como um movimento “através do logos”: o diálogo.

A Hermenêutica Filosófica pretende dar conta do ‘modo de ser do próprio ser humano’ enquanto “ser de compreensão”. Ela não é um conjunto de técnicas, procedimentos e condições prescritas, para garantir a verdade, exatamente por entender que esta é histórica e não se deixa aprisionar em esquemas mentais prontos. Por outro lado, “compreender” é algo anterior à dualidade sujeito-objeto. Na perspectiva dialógica da arte de pergunta-resposta, perguntar é também se deixa interrogar pelo tema ou por aquilo que está em questão, superando a atitude epistemológica na qual o sujeito é determinante e o objeto é representação do sujeito. A alusão à origem mitológica do termo hermenêutica talvez possa ajudar a entender o que se propõe aqui. Assim como Hermes, cada ser

⁶Gadamer mostra que Aristóteles já operava com a negatividade produtiva do conceito de experiência na construção abstrativa de conceitos para as ciências. Para ele, as observações individuais resultam numa regularidade que legitimam a generalização, permitindo que o ‘conceito’ sobrepassasse a experiência individual. (Cf. Verdade e Método, p. 521)

⁷Merleau-Ponty. **Sobre o fenômeno da linguagem**. In: Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 138.

humano é um hermeneuta: é portador, mensageiro e intérprete de uma mensagem que vem de longe e na qual ele mesmo se move. No nosso caso, esta mensagem se confunde com a ‘tradição’. Na tradição, especificamente na forma de linguagem, as subjetividades se constituem e re-constituem. É isso que caracteriza o ‘ser no mundo’, precisamente no sentido de que o mundo, mediante o qual, no qual e com o qual o ser humano se constitui, é linguagem. Por esta razão é que o modo de se conduzir na interpretação e na busca de conhecimento é o diálogo: a arte que dialetiza o contexto de quem pergunta com o contexto da tradição, que vem a nós na forma de linguagem

a) Compreende-se na vigência da tradição — Jogando o ‘preconceito’ no descrédito por considerar que ele é falso e que falsifica a realidade, a tradição iluminista inventou uma consciência iludida de ser ‘dona de si mesma, sem dar-se conta de que ela está referida ao dado no qual ela exerce’, Na leitura crítica dessa tradição, percebe-se que ela também inventou seus preconceitos e suas autoridades, como o sujeito racional e a “consciência histórica”. Sem entrar no mérito da concepção de autoridade e de preconceito dos modernos, importa salientar que, para a hermenêutica, não há como compreender algo sem esse ‘desde onde’, que o iluminismo pretendeu eliminar. Então, para ‘fazer justiça ao modo de ser finito e histórico do ser humano’, é de fundamental importância que se reabilite o ‘preconceito’ como condição sem a qual não pode haver compreensão. (GADAMER, 1998, p. 416). Ademais, o reconhecimento da autoridade não impede ninguém de fazer uso de sua razão porque pressupõe que aquilo que ela diz faz sentido e pode ser inspecionado. É esse o caso do reconhecimento da autoridade do educador e do especialista, por exemplo. Ao fazer a crítica à autoridade e à tradição, a modernidade fundou uma nova tradição com suas autoridades, como a independência da razão, a neutralidade do conhecimento garantida pelo método e o progresso humano em todas as áreas. E o ouvinte do discurso contra a autoridade recorre a sua razão para reconhecer a autoridade de quem profere tal discurso.

Mas toda a compreensão acontece sob a vigência de uma pré-compreensão. Isso vale inclusive para a elaboração e a interpretação dos enunciados das ciências. Diante desse quadro geral, Gadamer sugere que o ‘esforço crítico de revisar os pré-conceitos’ seja assumido como ‘tarefa primeira e parte integrante de toda interpretação’ porque a subjetividade sempre se encontra num horizonte de compreensão prévio no qual ela se formou e no qual participa de uma comunidade e de uma tradição. (Idem, p. 439) A compreensão é um movimento circular entre o intérprete e o que está em questão, ambos em processo de contínua formação e no qual também a tradição vai sendo instaurada, com a participação do intérprete.⁸ É nesse “círculo” que acontece a contínua re-leitura do

⁸ Como exemplo, pode-se citar a Biologia enquanto ciência moderna, que fixou um paradigma e instaurou uma tradição dentro da qual toda a comunidade científica da Área se move até o presente: o evolucionismo. Esse paradigma está presente também em outras Áreas, como a geologia, a história, a economia e a sociologia, p. ex., com o mesmo nome ou derivações como progresso, desenvolvimento, etc.

‘mundo’, numa dialética aberta. Quanto aos procedimentos na construção de conhecimento, isso significa que resultado algum pode ser considerado verdade última. Compreender é, portanto, um processo permanente, num movimento de idas e vindas entre aquele que interpreta e aquilo que está em questão como foco de pesquisa, ambos em processo.⁹ E o fato de não se lidar com um ‘objeto’, seja ele um texto ou um contexto empírico, como sendo algo morto, permite a expressão do sentido que ele porta. Mas o sentido mesmo é processo histórico, sempre inconcluso. (cf. Gadamer. p. 446)

b) A ‘leitura do mundo’ e a consciência da “situação hermenêutica” — Ao tentar conhecer algo, não se pode ignorar a realidade da “situação hermenêutica”, que Gadamer define como **pergunta** ou como abertura ao diferente do próprio. A **pergunta** é que abre possibilidades e as mantém abertas. É a dimensão da historicidade na forma de consciência de que a “história age”, no sentido oposto do sujeito moderno, que ignora ser parte de uma tradição dentro da qual ele próprio compreende. Na consciência da situação hermenêutica, sabe-se que é impossível abordar objetivamente a história, através de métodos críticos. (p. 540) Quando se pretende garantir a objetividade por meio do rigor metodológico que dá a impressão de permitir o acesso à verdade dos fatos, ignora-se que as respostas dependem da legitimidade das perguntas.¹⁰ A situação hermenêutica nos mostra que é preciso reconhecer que os “efeitos da história” operam em toda a compreensão e que ao admitir isso é possível evitar as deformações advindas da fé cega nos métodos, e que, quando se nega a vigência da tradição deforma-se o conhecimento porque, tendo ou não consciência da ação da história efetiva, ela age, ela se impõe “inclusive aí onde a fé no método quer negar a própria historicidade”.

Afirmativamente, o fato de nos encontrarmos dentro da situação não é defeito para a construção do conhecimento. Ao contrário, é aceitar a condição de que não é possível suspender a si próprio, como que nos colocando fora de jogo, para podermos teorizar de forma neutra. (GADAMER, 1998, p. 451) A situação do ser histórico delimita a compreensão daquilo que ele toma como foco de sua atenção, enquanto é igualmente a condição que possibilita ir além do imediato. Ainda segundo Gadamer, somente quem admite ter horizontes prévios sabe valorizar o significado das coisas que caem dentro dele, e a consciência dessa situação hermenêutica possibilita que se ‘ganhe outro horizonte’, ampliando as perspectivas, a ponto de superar a particularidade própria e se elevar a uma universalidade mais ampla, numa espécie de “fusão de horizontes”. Mas que isto seja bem entendido: na referida fusão, os horizontes de cada interlocutor não são anulados. Trata-se do ‘derretimento das fronteiras dos horizontes’, que oportuniza o seu alargamento. Nesta ‘fusão’ não há,

⁹ Isso não significa que não haja momentos de compreensão aparentemente consolidados. Momentos que experimentamos “como o tremor de uma unidade exposta à contingência e recriando-se infatigavelmente”. (Merleau-Ponty, p. 140)

¹⁰ Na maneira tradicional de colocar o problema, dir-se-ia que na relação sujeito-objeto deve-se, ao mesmo tempo, produzir a aproximação do objeto ao ponto de poder distanciar-se dela para objetivá-lo, pondo-se como sujeito. Mas aqui o movimento é circular e contínuo, porque o que antes era sujeito também se encontra em movimento e, por vezes, mais assujeitado do que sujeito, em respeito ao verdadeiro significado daquilo que visa compreender. Por isso é que a compreensão se desenrola “entre a estranheza e a familiaridade que a tradição ocupa junto a nós, entre a objetividade da distância, pensada historicamente, e a pertença a uma tradição”.

pois, uma síntese, em que os horizontes anteriores estariam contidos num terceiro. Isso não acontece porque a ‘tradição’ continua atuante, e de tal modo que coloca o horizonte continuamente em jogo. E se a consciência não pode “dar conta da história” também não há lugar para o saber absoluto, ao modo da crença acerca das ‘leis científicas’. Aceitar essa situação hermenêutica é condição também para entender que o contexto não é mero objeto de investigação. Ele é uma alteridade que nos coloca as suas questões. Nesse sentido é que interpretar implica sempre ‘aplicar’ *a um contexto*. A interpretação é, pois, sobremaneira, uma atitude de escuta, como condição para que esse “outro” possa dizer algo por si próprio; é atitude de abertura diante da possível exigência de verdade que a alteridade coloca.¹¹

c) Múltiplas perspectivas e o Diálogo como caminho — Não se trata simplesmente de uma atitude, mas do próprio modo de ser correspondente à natureza da realidade e da vida humana. Diante dela, sempre há várias possibilidades e perspectivas, exigindo múltiplos olhares e o entrecruzamento de múltiplos saberes. A pré-disposição para o diverso do próprio leva-nos a novas experiências, para aprender com elas. Tal atitude pressupõe a curiosidade, a abertura, a consciência do não-saber, expressando-se na pergunta: será assim ou de outro modo? Isso se conforma à experiência hermenêutica como experiência dos ‘limites das previsões e da insegurança dos planos’, mostrando que sequer a história pessoal está sob nosso controle e que se vive numa história na qual nada se repete. Como resultado, tem-se a predisposição para perspectivas diversas da própria.

Por outro lado, toda a compreensão da experiência de mundo acontece na forma de linguagem. Compreender é, portanto, uma relação com a tradição, e não diretamente uma relação sujeito-objeto. Qualquer elemento do real que se toma como objeto só o é na forma de linguagem que, por sua vez, torna presente o contexto de sentido ao qual ele pertence e no qual ele se apresenta à compreensão.¹² E diante dessa alteridade emerge o caráter moral de toda interpretação, modificando a estrutura da experiência em geral e exigindo o diálogo como atitude adequada. No lugar da garantia de objetividade, próprio da modernidade, está a consciência da historicidade, e a atitude da abertura de quem quer saber, como condições para que o outro (tradição, tu,) fale por si. Para que isso se efetive, fazem-se normalmente necessários muitos movimentos de idas e vindas entre os interlocutores até que se entendam acerca daquilo que está em questão.¹³

O diálogo supõe a escuta, o ‘ouvir-se uns aos outros’ e a predisposição para deixar valer uma perspectiva diversa da própria, ainda que não haja nenhum outro que pretenda isso. (Gadamer, p.

¹¹ Segundo Palmer (1997, p. 195), compreender é ‘colocar-se diante do outro de tal modo que ele possa nos interpelar.

¹² Esta é a intuição de Freire ao propor as “palavras geradoras” como mediação para a alfabetização/conscientização, no sentido de que elas, por poucas que sejam, presentificam o todo do universo simbólico do qual elas emergem.

¹³ Interlocutor no sentido amplo de tudo que esteja habilitado para “dizer algo”, incluindo contextos da realidade empírica. Por exemplo, o que me diz uma corda esticada de um poste de luz até um toco, a uma altura de 1,80m, no pátio da escola? Claro que percebo, vejo, ouço, a partir do meu horizonte prévio, que pode não se confirmar na realidade.

532) Enquanto arte de pergunta-resposta, supõe ainda o perguntar autêntico no qual aquele que interroga se coloca num espaço aberto devido à imprevisibilidade da resposta. Diferentemente da pergunta retórica, própria dos procedimentos avaliativos conteudistas e das práticas de laboratório nas quais se visa chegar à resposta prevista de antemão, o perguntar autêntico pressupõe um não saber e uma abertura ao imprevisível, mas também põe alguns limites, indicando a perspectiva para a resposta.¹⁴ Embora seja uma interrogação sobre algo que não se sabe, sabe-se o suficiente para, através do sentido da pergunta, indicar a orientação da resposta significativa e adequada.

Nesse sentido é que ‘somente aquele que tem perguntas pode chegar a algum saber’, lembrando que ‘as perguntas compreendem a oposição do sim e do não, do assim e do diverso’ (GADAMER, 1998, p. 538), que são condições indispensáveis para uma prática de pesquisa interdisciplinar. A arte de perguntar pressupõe um não saber definido que faz perguntar de modo determinado, de um lado, e um pré-saber suficiente para formular a interrogação com a curiosidade de querer aprender. Por exemplo, a pergunta acerca das ‘qualidades’ de uma “palavra geradora” feita a partir da linguística é distinta da pergunta na perspectiva da psicologia, que difere da perspectiva filosófica, da sociológica, da econômica, da política, etc.¹⁵ É no grande diálogo entre muitos saberes, no entremeio de encontros e desencontros entre eles, que se pode alcançar uma perspectiva melhor, superando a ‘opinião’ fácil, isto é, o saber produzido na perspectiva do consenso estabelecido, para satisfazer e acomodar a curiosidade. Mas o diálogo é mais do que essa prática interdisciplinar. Como antídoto à opinião, ele implica a atitude socrática da contínua aplicação da ironia, no intuito de desmontar o saber pronto e predispor os interlocutores para as condições do perguntar autêntico.

No procedimento hermenêutico, não se pode fixar objetivos a serem perseguidos pelos interlocutores, nem alguma finalidade prévia a ser atingida, porque no verdadeiro diálogo sequer o perguntar é obra deliberada do sujeito. A conversa rola e as perguntas vão surgindo espontaneamente. Os interlocutores conversam e pensam e o pensar se mantém aberto enquanto souberem continuar perguntando. Nesta busca de saber sobre algo, na forma da dialética de pergunta-resposta, supõe-se apenas que os dialogantes estejam sob a direção do mesmo e que aí não cabe o questionamento de um interlocutor sobre o outro acerca do saber pronto sobre o tema, como é

¹⁴ Na pergunta retórica “não há quem pergunte, nem há algo realmente perguntado”, e, por isso, não há resposta possível (GADAMER, 1998, p. 536).

¹⁵ Fiori mostra que esse é o procedimento de Freire na escolha das “palavras geradoras”. “Uma pesquisa prévia investiga o universo das palavras faladas, no meio cultural do alfabetizando. Daí são extraídos os vocábulos de mais ricas possibilidades fenomênicas e de maior carga semântica – os que não só permitem rápido domínio do universo da palavra escrita, como, também, o mais eficaz engajamento de que a pronuncia, com a força pragmática que instaura e transforma o mundo humano.” Ver: Fiori, Ernani M. **Aprender a Dizer a sua palavra**. In: *Textos Escolhidos Vol. 2*, p. 54. O referido texto figura como Prefácio à *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, desde a sua primeira edição, em 1967, até a 46ª edição de 2007.

o caso dos procedimentos de avaliação escolar. Ao contrário, o perguntar hermenêutico é um antídoto a esta falsa pretensão de saber. Ela visa antes prevenir-nos do saber pronto através da arte de perguntar, que é mais importante do que todas as respostas uma vez que abre perspectivas novas para os interlocutores e nos ensina que ‘aqueles que possuem a arte de perguntar sabem defender-se do modo de pensar repressor da opinião dominante’(GADAMER, 1998, p. 541)

Assim, a busca interdisciplinar do saber mantém-se aberto aos dialogantes, num diálogo que confronta as opiniões em questão, na mira do **logos** acerca da coisa de que se fala. Mas o **logos** não pertence a ninguém nem está dado. Ele é a constante busca dos dialogantes que, enquanto consciências históricas, estão predispostos a novas experiências para aprender com elas.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra. In: TEXTOS escolhidos 2: educação e política. Porto Alegre: L&PM, 1992. p. 52-64.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Kleine Schriften, VI** (Philosophie / Hermeneutik). Tübingen: Mohr Siebeck, 1967.

_____. **Gesammelte Werke**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1999.

GRONDIN, Jean. **Hermenêutica: introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989. v.1

MERLEAU-PONTY, Maurice. Sobre a fenomenologia da linguagem. In: PENSADORES. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **A reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola 1996

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1997.

RICOER, Paul. **Interpretação e ideologia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

Luiz Gilberto Kronbauer Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2003) Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

Submetido em:

Aceito em: Agosto de 2011